

Lima Barreto: sensibilidade e percepção crítica

Clara Asperti Nogueira
UNESP - Assis
claraasperti@yahoo.com.br

RESUMO: Recontar o passado é revivê-lo e reinterpretá-lo, dando-lhe significados novos. Pela Literatura podemos reconhecer um passado histórico pelos olhos de quem o viveu e o interpretou; ainda mais quando pretendemos lançar mão de textos que dialogam com a realidade de seu momento, como crônicas, escritos autobiográficos e crítica. Tais textos – testemunhas de seu tempo – carregam em si um pouco do cotidiano do período, refletem o espírito do agente histórico que os produziu e podem assim deixar transparecer o posicionamento intelectual de seu autor. O presente artigo tem por objetivo, através da observação da crônica, da crítica e, principalmente, das escritas da memória de Afonso Henriques de Lima Barreto, traduzir a personalidade perturbada e crítica deste autor. Por meio destes gêneros de textos, nós podemos mostrar a aguda sensibilidade e a apurada percepção crítica de Lima Barreto frente ao momento histórico em que vivia.

PALAVRAS-CHAVE: Escritas de memória. Crônica. Lima Barreto. Literatura. História.

ABSTRACT: To retell the past is to relive it and to interpret it again, giving

new meanings to it. Through Literature we can recognize a historical past by the eyes of who lived it and interpreted it; still more when we claim to resort to texts that dialogue to the reality of some moment, as chronic, biographical writings and critical texts. Such texts – witnesses of a historical past – carry in themselves a little of the daily life of the period, reflect the spirit of the historical agent that produced them and these texts permit to appear the intellectual position of the author. This article aims, in this way, through the observation of chronic, criticism and, especially, Lima Barreto's memory writing, to translate the disturbed and the critical personality of this author. Through these genres, we can show the acute sensitivity and the accurate perception of Lima Barreto about the historic moment in which he lived.

KEYWORDS: Memory's writing. Chronic. Lima Barreto. Literature. History.

Um.

Literatura e história caminham juntas. Recontar o passado é revivê-lo e reinterpretá-lo, dando-lhe significados novos. Pela Literatura podemos reconhecer um passado histórico pelos olhos de quem o viveu e o interpretou; ainda mais quando pretendemos lançar mão de textos que dialogam com a realidade de seu momento, como crônicas, escritos autobiográficos e crítica. Tais textos – testemunhas de seu tempo – carregam em si um pouco do cotidiano de seu período, refletem o espírito do agente histórico que os produziu e podem assim deixar transparecer o posicionamento intelectual de seu autor. Os ambientes social, cultural, político e literário interagem entre si bem como os diálogos desse sujeito produtor com seu contexto histórico influenciam o desenvolvimento desses citados gêneros literários.

Tais produções literárias carregam uma carga histórica e so-

ciológica significativa. A crônica é filha do jornal, ligada profundamente a seu suporte original, traz com ela todo o contexto que a cerca, se responsabilizando por fazer a análise do fato, da notícia, muitas vezes de forma amena, entretanto, responsável. À crônica cabe o papel de abordar o cotidiano e seus acontecimentos e transportá-los ao leitor através das páginas dos jornais. Textos autobiográficos são fragmentos de memória, ou melhor, um resgate do passado pessoal através do exercício da subjetividade. Ao passo que essas reminiscências passam do ambiente privado de quem as produz para a esfera pública, tornam-se também um relato histórico e sociológico de um tempo – universalizam-se. No que tange à crítica – no nosso contexto a literária – também podemos afirmar que ela caminha próxima à história de seu tempo, abordando acontecimentos estéticos e ideológicos de seu período, analisando – bem ou mal – o contexto histórico-literário que a permeia.

No entanto, não podemos perder de vista o perigo de cairmos na análise meramente histórica de um acontecimento, através destes estilos de texto, e deixarmos de lado nosso objeto maior – a literatura. Dissecar a relação entre sociologia e literatura é por diversas vezes tarefa arriscada. Pensar numa abordagem literária pelo viés da análise sociológica acarreta no perigo de fugirmos do texto literário e afundarmos no estudo apenas histórico de dado momento social. Contudo, a crônica, a crítica e as escritas da memória de Afonso Henriques de Lima Barreto nos farão correr esse risco – devido à apurada percepção que o autor tinha do momento histórico em que vivia e pela aguda sensibilidade em transpor ao texto criativa e artisticamente os conflitos da sua época.

Particularmente, esses gêneros de texto traduzem muito da personalidade perturbada e crítica de Lima Barreto, mas também nos falam muito de um tempo. Tempo este conturbado.

Lima Barreto viveu em período significativo da história nacional. Presencia a Abolição da escravatura e a Proclamação da República, apesar de jovem. Acompanha o apogeu da *Belle Époque* nacional, a chegada das novas tecnologias tais como a fotografia, o cinematógrafo, os aviões, os carros e os abomináveis *sky-scrapers* – tema constante na combativa literatura barretiana (RESENDE, 2004, p. 19); assiste estarrecido o início e também o fim da Primeira Grande Guerra e vem a falecer no emblemático ano de 1922. Deste modo, sua escrita não ficaria livre das influências dos grandes acontecimentos nacionais e estrangeiros, ainda mais se lembrarmos que sua literatura era publicada nos periódicos da época – principalmente nos jornais e semanários preocupados em denunciar desigualdades e abordar questões sociais tais como *O Malho* ou *A.B.C.* Sua escrita, muita atenta aos acontecimentos de seu tempo, retrata e também analisa de modo bem particular a história desse momento. Através das crônicas, que publica principalmente a partir dos primeiros anos do século XX em periódicos de menor circulação, Lima Barreto faz a representação da sociedade da ocasião, mas faz também a representação da sua memória pessoal.

Os textos publicados no periodismo nas primeiras décadas do século XX serviam-lhe como sua válvula de escape. O escritor, estigmatizado pela cor, pela pobreza e pelo álcool, por meio do jornalismo – que, na realidade, não lhe abria portas, mas frestas –, torna público não só a memória de um tempo, mas toda a

sua mágoa e ressentimento pessoal. Em textos ferozes e, muitas vezes, oscilando entre a crítica e o desabafo, Lima traça um painel crítico de uma sociedade em transformação, de um povo que se queria civilizado, de um país recentemente republicano que se queria ver como nação e, principalmente, de uma literatura que se queria superior, contudo ainda mostrava-se intransigente e passadista.

Anti-republicano convicto, uma das marcas das produções de Lima Barreto era a crítica constante ao novo regime democrático. Enquanto as elites intelectuais burguesas defendem a República – movimento amplamente burguês – como a verdadeira afirmação da identidade brasileira e passaporte para a formação de um Brasil moderno, Lima enxerga a consolidação do regime como a intensificação da segregação e exclusão social – tão sentida por ele –, a ampliação da marginalização daqueles que nunca tirariam proveito da proclamação: a baixa classe média e o operariado, ou seja, a população carente. Em crônica publicada originalmente no *Correio da Noite*, em janeiro de 1915, Lima, entre o desabafo e a crítica, denuncia sua clara opinião sobre a República tupiniquim:

Sempre fui contra a república.

[...]

Sem ser monarquista, não amo a república.

[...]

O nosso régimen atual é da mais brutal plutocracia, da mais intensa adulação aos elementos estranhos, aos capitalistas internacionais, aos agentes de negócios, aos charlatães tintos com uma sabedoria de pacotilha.

[...]

Eu, há mais de vinte anos, vi a implantação do régimen. Vi-a com o desgosto e creio que tive razão (BARRETO, 2004, vol. 1, p. 174).

A intensa colaboração de Lima Barreto com o periodismo carioca começa bem cedo, ainda quando o autor tenta terminar – em vão – seus estudos na Politécnica. Nesse período, já percebemos nascer a verve satírica e irônica de Barreto – futuramente marca indispensável às suas produções jornalísticas – através da publicação de críticas à vida acadêmica em jornais universitários, como n’*A lanterna*.

Desse período resultam as primeiras manifestações autobiográficas que posteriormente acompanharão grande parte da produção limiana. De acordo com Beatriz Resende (2004, p. 9):

Enquanto não tinha acesso de forma mais profissional à imprensa, registrava em seu *Diário Íntimo* as primeiras impressões que lhe causavam os acontecimentos políticos, como a Revolta da Vacina, em 1904, e praticando já um formato adequado à crônica anotava suas visões da cidade que o fascina e que será a maior paixão de sua vida: o Rio de Janeiro.

Através das anotações no *Diário Íntimo*¹ Lima começa a la-

¹ O título *Diário Íntimo* foi dado por Francisco de Assis Barbosa, principal biógrafo de Lima Barreto. FAB recolheu essas anotações, dispersas em cadernos e folhas soltas deixadas pelo escritor. Publicou, parcialmente, esses recortes deixados por Lima Barreto juntamente com os outros 16 volumes que formam as *Obras Completas de Lima Barreto* publicadas pela Editora Brasiliense em 1956. Os escritos originais permanecem atualmente na Seção de manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

pidar sua marca registrada: a linguagem inovadora, sem subterfúgios eruditos, clara, direta e próxima ao falar cotidiano, no entanto, já ácida e ferina. E é também pelo *Diário* que notamos os rancores pessoais que marcarão toda a vida e obra do escritor e, de certo modo, também inspirarão a escrito do cronista:

Dolorosa a vida minha! Empreguei-me e há três meses que vou exercendo as minhas funções. A minha casa ainda é aquela dolorosa geena pra minh'alma. É um enorme mosaico tétrico de dor e de tolice (BARRETO, 1956a, p. 41).

O governo diz que os oposicionistas à vacina, com armas na mão, são vagabundos, gatunos, assassinos, entretanto ele se esquece que o fundo dos seus batalhões, dos seus secretas e inspetores, que mantêm a opinião dele, é da mesma gente (BARRETO, 1956a, p. 47).

Último dia do mês em que, com certa regularidade, venho tomando notas diárias da minha vida, que a quero grande, nobre, plena de força e de elevação. É um modo do meu "bovarismo" que, para realizá-lo, sobra-me a crítica, e tenho alguma energia. Levá-la-ei ao fim, movido por esse ideal interessado e, se as circunstâncias exteriores não me forem adversas, tenho em mim que cumprir-me-ei (BARRETO, 1956a, p. 96).

Tal material é de grande relevância sob dois aspectos. Em primeiro plano, podemos notar através desses recortes costurados por Lima fragmentos de sua vida íntima e o exercício de sua es-

crita. Por outro lado, percebemos seus primeiros posicionamentos críticos sobre a sociedade. Mesmo altamente contaminados pelo subjetivismo próprio dos registros pessoais, através desses retalhos podemos notar a presença do homem engajado, que testemunhou ao seu tempo, as dificuldades e a realidade da nação.

Esses primeiros lampejos militantes de Lima trabalhados no *Diário Íntimo* são a prova de como a sua vida pessoal irá interferir fortemente em grande parte de sua produção literária, tanto nos romances, como nas crônicas, nas críticas, nos escritos políticos, nos contos.

Lima Barreto nasceu livre em 1881, todavia ainda sob o peso de uma nação que há pouco deixava de ser escravocrata:

Nasci sem dinheiro, mulato e livre (BARRETO, 1956b, p. 139).

Mulato e órfão de mãe aos sete anos, o escritor viu o pai enlouquecer ainda quando jovem. Como filho mais velho entre outros três irmãos, tratou de tornar-se o chefe da família. O sonho de João Henriques – pai de Lima – de o ver formado e com canudo de doutor, virou poeira quando Lima abandona no último ano o curso de engenharia na Politécnica, ao ser inúmeras vezes reprovado na cadeira de Mecânica. O estigma da cor começa a pesar-lhe sobre os ombros:

A sociedade brasileira do início do século, porém, racista e preconceituosa, em um país que somente aboliu a escravidão quando nosso autor já tinha sete anos, não estava disposta a

permitir que aquele mulato, neto de escravos, tivesse acesso à elite intelectual, formando-se engenheiro em uma das mais prestigiadas escolas do país (RESENDE, 2004, p. 10).

Seria descaso não atentar para o fato de que é evidente como a história pessoal e familiar de Lima Barreto influenciou sua escrita. A questão da cor, da falta de um sobrenome tradicional e, futuramente, os problemas causados pelo excesso do álcool irão transparecer constantemente em sua produção e afetá-lo pessoalmente.

Ao abandonar definitivamente a universidade e tendo que ingressar, por concurso em 1903, no serviço público – como amanuense da Secretária de Guerra – Lima faz disso mote constante de suas crônicas. A repulsa pelos “doutores” – aqueles que através do diploma conquistavam status, poder e prestígio social – torna-se tema muito próprio do seu cotidiano:

Os exames, os doutores, bacharéis, os médicos, toda essa nobreza doutoral que nos domina e apoia os negociastas, é o maior flagelo desta terra que os utopistas querem seja o paraíso terrestre (BARRETO, 2004, vol. 1, p. 176).

Essa birra do “doutor” não é só minha, mas poucos têm a coragem de manifestá-la (BARRETO, 2004, vol. 1, p. 344).

Nesses excertos percebemos não só a escrita combativa de Lima frente ao que ele denomina “donos da vida”, ou seja, aqueles que pelo estudo tradicional, ou pelo dinheiro ou mesmo pela tradição familiar constroem reputação intelectual sem realmente

merecê-la. Contudo, notamos também a dor de alguém que não conquistou o diploma por perseguição pessoal e preconceituosa. A caça aos “doutores”, à intelectualidade forjada da época, será um dos alvos barretianos.

Outra questão pessoal que se mistura e influencia a escrita corrosiva de Lima é a questão dos apadrinhamentos políticos. Por ser amigo de seu pai, o senador Afonso Celso de Assis Figueiredo – o Visconde de Ouro Preto – apadrinha Lima ao nascer e, em homenagem ao protetor aristocrata, Lima recebe o mesmo prenome. Porém, o contato com o padrinho nunca se estendeu além de uma breve visita de cerimônia na infância. Deste modo, a figura de protetor passa a repugná-lo, como podemos notar em mais um desabafo no seu *Diário Íntimo*:

Os protetores são os piores tiranos (BARRETO, 1956a, p. 34)

E, repetidas vezes, ao comentar seu ingresso no serviço público, Lima frisarà que este se deu exclusivamente por concurso, sem a influência de padrinhos, protetores, ou melhor, de “donos da vida”, como a eles preferia se referir.

É até irônico, mas representativo, lembrarmos a data de nascimento do escritor: 13 de maio. Lima, acuado por seus contemporâneos por ser mulato em uma sociedade que desejava uma população branca aos moldes europeus, em crônica comemorativa do aniversário da abolição nos revela toda a sua crítica e mágoa pessoal:

Agora mesmo estou a lembrar-me que, em 1888, dias antes da data áurea, meu pai chegou

em casa e disse-me: a lei da abolição vai passar no dia de teus anos. E de fato passou; e nós fomos esperar a assinatura no Largo do Paço.

[...]

Havia uma imensa multidão ansiosa... Afinal a lei foi assinada...

[...]

Jamais, na minha vida, vi tanta alegria.

Notamos neste fragmento o claro uso da escrita da memória, Lima lança mão de sua história de vida para lembrar um aspecto importante da sociedade não só carioca como brasileira. Entretanto, a crônica de 4 de maio de 1911, publicada originalmente na *Gazeta da Tarde* do Rio de Janeiro, não fica restrita às reminiscências do autor:

Eu tinha então sete anos e o cativeiro não me impressionava. Não lhe imaginava o horror; não conhecia a sua injustiça. Eu me recordo, nunca conheci uma pessoa escrava. Criado no Rio de Janeiro, na cidade, onde já os escravos rareavam, faltava-me o conhecimento direto da vexatória instituição, para lhe sentir bem os aspectos hediondos.

A escrita autobiográfica foi recurso retórico eficiente para Lima Barreto. Nesta última passagem já percebemos que a crônica deixa de ser mero exercício de lembrança infantil do autor e passa a ser uma crítica clara aos horrores da escravidão há tão pouco tempo extinta. Notamos um movimento crescente na fala barretiana, seu discurso passa da simples rememoração para o julgamento severo do episódio. E a crônica vai além:

Quando fui para o colégio [...], a alegria entre a criançada era grande. Nós não sabíamos o alcance da lei, mas a alegria do ambiente nos tinha tomado.

A professora [...], uma senhora muito inteligente [...], creio que nos explicou a significação da coisa; mas com aquele feitio mental de criança, só uma coisa me ficou: livre! Livre!

Julgava que podíamos fazer tudo que quiséssemos...

[...]

Mas como ainda estamos longe de ser livres! Como ainda nos enleamos nas teias dos preceitos, das regras e das leis! (BARRETO, 2004, vol. 1, p. 77).

Para concluir o assunto, Lima junto à lembrança infantil combina crítica social contra a falsa liberdade aos negros – que após a Abolição deixaram de ser escravos, entretanto, encorparam o grupo de desempregados do país, que crescia vertiginosamente no período – e denuncia, ainda que sutilmente, as redes burocráticas e sociais que amarravam e amordaçavam a sociedade menos favorecida da época.

Este texto é um ícone representativo da literatura barretiana – por meio de sua ideologia, de sua escrita militante, de sua voz de denúncia, e por meio do recurso que lhe torna marco de uma época – a sua linguagem simples, porém inovadora – Lima Barreto trabalhou em prol dos necessitados. Usando sua imagem pública, ofendido pelo desprezo dispensado a ele pelos seus pares, o autor aliou escrita, mágoa, revolta e engajamento para tentar dar voz aos excluídos – tais como ele próprio. A sua história

pessoal – assinalada pela exclusão social, pela inadaptação aos padrões literários, econômicos, políticos e sociais da época, serão armas potentes de combate.

Lima Barreto reverteu a sua amargura, por meio da linguagem, em denúncia contra a arbitrariedade de um sistema político, social e principalmente literário que marginalizava e excluía aqueles que não condiziam com o modelo burguês que dominava o fim da *Belle Époque* nacional. A linguagem, instrumento de denúncia e de revelação, foi a principal ferramenta de combate empunhada por Lima. De denúncia, enquanto sua produção desnuda e acusa os desmandos daqueles que detêm o poder. De revelação, enquanto se propõe a mostrar para os que não sabem, embora sintam os mecanismos de que se servem os “donos do poder” para nele se manter. (CURY, 1981, p. 193)

A partir da última crônica acima citada elegeremos outras tantas que mostram esse perfil engajado de Lima, bem como a crítica literária produzida por ele, textos esses que indicam a importância da literatura para o escritor como ferramenta de luta e de ação. Lima usou problemas pessoais, histórias íntimas e o jornalismo para lutar ao lado daqueles que não tinham voz.

Não podemos nos esquecer do romance de estreia, *Recordações do escrívão Isaías Caminha*, marco da denúncia social à imprensa – órgão, ao mesmo tempo, legitimador e de exclusão do período.

Dois.

O campo intelectual do início do século XX dividia-se claramente entre aqueles que eram os porta-vozes do ideário domi-

nante – ou seja, partidários e agentes instauradores da República, defensores das reformas urbanas em prol de uma Capital Federal mais salubre e conseqüentemente moderna, partícipes das sociedades literárias consideradas, por seus pares, instâncias consagradas por excelência, tendo como principal a Academia Brasileira de Letras e a eterna figura do fundador Machado de Assis, homens das letras que, remanescentes da chamada geração de 1870 “introduziram o Realismo, o Naturalismo, o Parnasianismo e cujas figuras de proa passaram a instituir os paradigmas da produção intelectual do país” (MICELI, 1977, p. 11), e perpetuavam a literatura verborrágica e erudita reinante no século XIX e, para finalizar, as principais editoras do Rio de Janeiro à época: Livrarias Garnier, Laemmert e Francisco Alves. Olavo Bilac e Coelho Neto personificam perfeitamente o grupo de literatos proeminentes da elite intelectual do momento. Do outro lado, encontramos a figura símbolo da oposição ao *status quo* vigente: Lima Barreto.

Com plena consciência do fazer literário, partícipe militante, engajado e preocupado em tornar público, por meio da sua literatura, as questões políticas e sociais que assolavam o país e principalmente o Rio de Janeiro, Lima Barreto se pôs inteiramente a disposição de uma literatura de inconformismo.

Ainda que Lima Barreto não tenha tido grande repercussão entre as camadas populares de sua época, uma vez que a essa era vetado o acesso à literatura, foi um escritor importante para a sua expressão (CURY, 1981, p. 21).

Sem jamais perder o estilo crítico e aceitando o estereótipo de escritor maldito (FANTINATI, 1978, p. 42), Lima, por meio dos romances, escritos autobiográficos, crônicas e críticas e de uma linguagem direta, fluente e inquisitiva que chocava os mandarins literários da época – detentores do poder cultural instituído –, dá voz às ruas, aos excluídos desse campo intelectual predominante e opressor.

A imagem de escritor marginal, estigmatizado pela cor e pelo alcoolismo e, principalmente, pela linguagem cáustica, irreverente e irônica acabaram por se tornar o escudo de Lima. Através da exclusão social que lhe foi imposta pela elite burguesa intelectual do período, Lima Barreto optou pela libertação dos moldes literários tradicionais, aceitou a liberdade pela linguagem esteticamente revolucionária para os padrões validados da época; e de figura estranha e estigmatizada, outsider e exilado em uma literatura que se propunha ser o sorriso da sociedade, optou pelo enfrentamento social. Usou os jornais e as revistas que lhe davam acesso para dizer “toda a verdade aos poderosos (a sua verdade, pelo menos)” (BARBOSA, 2002, p. 329) e, com “o velho hábito de fazer memórias” (BARBOSA, 2002, p. 347) por meio da literatura, Lima atuou como o verdadeiro intelectual, contestando o sistema vigente.

Para um artista militante, sua função não é exclusivamente produzir uma obra de arte esteticamente válida, mas, e, sobretudo, realizar uma obra que contenha um sentido revolucionário do ponto de vista social (FANTINATI, 1978, p. 3).

Em uma época em que o acesso à literatura era para poucos e que publicar livros ainda era uma utopia em um país com minoria letrada, o jornalismo ou colunismo literário era uma das poucas maneiras do escritor tornar público seus escritos, buscar fama, consolidar carreira e juntamente a isso angariar lucros e conseguir uma editora interessada em seu trabalho. Lima Barreto inicialmente busca tal caminho, chegando a publicar, em 1905, no afamado *Correio da Manhã*:

É no *Correio da Manhã*, o mais importante diário carioca da primeira República, que escreve de forma mais profissional pela primeira vez. A propósito das obras de escavações no Morro do Castelo, redige uma série de reportagens que são publicadas, sem assinatura, de abril a junho de 1905 (RESENDE, 2004, p. 10).

Mas o namoro com o prestigiado diário acaba pouco tempo depois, logo que sai publicado o volume *Recordações do escrivão Isaías Caminha*, em 1909. Claro libelo satírico contra o jornal de maior circulação do momento – extensivo ao poder da grande imprensa – e principalmente contra seu proprietário e editor, Edmundo Bittencourt, e aos chamados “príncipes do jornalismo” (BARBOSA, 2002, p. 201), Lima Barreto declara oposição constante e aberta, através de seu *alter ego* Isaías Caminha, ao grande jornalismo:

Naquela hora, presenciando tudo aquilo eu senti que tinha travado conhecimento com um engenhoso aparelho de aparições e eclipses, espécie complicada de tablado de mágica e espelho prestidigitador, provocando ilusões,

fantasmagorias, ressurgimentos, glorificações e apoteoses com pedacinhos de chumbo, uma máquina Marinoni e a estupidez das multidões. Era a imprensa, a Omnipotente Imprensa, o quarto poder fora da Constituição (BARRETO, 1956c, p. 174).

As portas da grande imprensa são fechadas a Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha* torna Lima Barreto *persona non grata* nos prestigiosos jornais da República. Poucos periódicos se expressaram sobre a obra. A chamada “crítica do silêncio” dominou as manifestações sobre o romance, considerado pelos poucos que se exprimiram simplesmente como um romance à *clef*. O *Correio da Manhã*, alvo do romance de tendência autobiográfica, exilou e censurou Lima Barreto, seu nome não seria mais nem mencionado nas páginas do diário. A propósito do silêncio da crítica sobre seus escritos, desabafou:

Por mais que não queiram, eu também sou literato e o que toca as coisas de letras não me é indiferente (BARRETO, 1956d, p. 74).

Parece contraditório. Em um período em que a cooptação dos escritores pela imprensa parecia-lhes como única fonte segura de prestígio e sobrevivência, Lima opta pelo caminho inverso. Seu ideário iconoclasta empurra-o para a crítica às instâncias de poder. Os jornais, à época, exerciam não só poder cultural, mas também, e, sobretudo, detinham de certa forma o discurso legitimador do período. A militância intelectual barretiana se

propunha a nadar contra a corrente, seu projeto literário era voltado a escandalizar ou desagradar o poder vigente – questionar e desmascarar essa imprensa que, na sua prática revolucionária, não passa de instância de falsa consagração e manipulação da massa leitora. Na realidade, a grande imprensa para o escritor agia como uma força de homogeneização das mentalidades.

As contradições em Lima não se esgotam em seus constantes conflitos com a imprensa. As academias literárias – principalmente – Academia Brasileira de Letras, seus ritos e membros, não passam impunes a sua escrita agressiva:

Não há dúvida alguma que o Brasil, além de essencialmente agrícola, é evidentemente literário.

Não há ano, não há dia, em que não se funde nestes brasis uma academia de letras. No começo, foram nas capitais dos estados; depois, nos municípios; e, por fim, nos lugarejos mais obscuros. Isto demonstra a nossa cultura e nega a tal história de analfabetismo que anda sendo por aí apregoada. Um país que tem tantas 'academias' não pode ser um país de analfabetos. Há de ser um país de gente que saiba ler e escrever, pelo menos por cima, porque não se pode admitir literatos que não tenham pelo menos esses dotes elementares.

[...]

Nesse andar, em breve teremos academias de bebês, cujos únicos títulos literários consistirão em usar bem da chupeta e chorar com grande estrondo (BARRETO, 2004, vol. 2, p. 457).

É inegável o humor pretendido por Lima Barreto. A dessacralização da linguagem, através do tom jocoso, próximo ao riso irreverente não é inocente. Podemos perceber a prática revolucionária de Lima ao propor, por meio da pilhéria e da ironia, a crítica à formação indiscriminada dessas instâncias literárias e a consequente falta de estofo intelectual que as acompanha.

Entretanto, em outra crônica, Lima mostra novamente seu temperamento contraditório. É fato notório a permanência de Lima à margem dos grupos literários que constituíam a ABL. Os mandarins literários eram alvos certos e constantes das publicações barretianas, e nunca o aceitariam entre seus pares. A linguagem prolixa e vazia dos membros da Academia tornava-se piadas nas crônicas de Lima, no entanto, o escritor não deixou de tentar, por três vezes, se eleger membro imortal da casa:

Vou escrever um artigo perfeitamente pessoal; e é preciso. Sou candidato à Academia de Letras, na vaga do Senhor Paulo Barreto. Não há nada mais justo e justificável. Além de produções avulsas em jornais e revistas, sou autor de cinco volumes, muito bem-recebidos pelos maiores homens de inteligência de meu país. Nunca lhes solicitei semelhantes favores; nunca mendiguei elogios. Portanto, creio que a minha candidatura é perfeitamente legítima, não tem nada de indecente.

Novamente inserindo desabafo pessoal ao texto jornalístico, Lima Barreto deixa claro o seu desejo de assumir uma poltrona na ABL. Isso nunca acontecerá. Tempos depois, alegando ques-

tões pessoais, o escritor retira a candidatura. Mas não se curva aos favores políticos nem se tenta a pedi-los.

... o artista militante renega e repudia a busca da consagração pela concessão às pressões externas. Seu intuito é adquiri-la justamente pela contestação da arte triunfante, utilizando para isto recursos críticos [...] e formas outras de destruição (FANTINATI, 1978, p. 7).

Contudo, na mesma crônica, Lima não deixaria de destilar sua ironia e censura para aqueles que, lançando mão do prestígio dos grandes jornais e da afamada reputação de homens de letras, tinham vantagens no pleito para imortal:

Mas... chegam certos sujeitos absolutamente desleais, que não confiam nos seus próprios méritos, que têm títulos literários equívocos e vão para os jornais e abrem uma subscrição em favor de suas pretensões acadêmicas.

Que eles sejam candidatos, é muito justo; mas que procurem desmerecer os seus concorrentes, é coisa contra a qual eu protesto.

Se não disponho do *Correio da Manhã* ou do *O Jornal*, para me estamparem o nome e o retrato, sou alguma coisa nas letras brasileiras e ocultarem o meu nome ou o desmerecerem, é uma injustiça contra a qual eu me levanto com todas as armas ao meu alcance.

Além do nítido apelo angustiado que emana do texto, outras características peculiares da produção barretiana podem ser

notadas. O texto é fundamentalmente uma defesa de si mesmo e de sua literatura. Lima lança mão de vocábulos contundentes para se fazer ouvir, como por exemplo, protesto, injustiça, armas, dentre outras locuções de impacto. O texto torna-se abertamente um panfleto denunciador. Mas ao mesmo passo que notamos a forte presença do Lima Barreto questionador, ao lado dos excluídos e marginalizados representados pela sua própria figura, percebemos também a dor de se saber preterido e desmerecido. A última passagem da crônica nos evidencia isto:

Eu sou escritor e, seja grande ou pequeno, tenho direito a pleitear as recompensas que o Brasil dá aos que se distinguem na sua literatura.

Apesar de não ser menino, não estou disposto a sofrer injúrias nem a me deixar aniquilar pelas gritarias de jornais (BARRETO, 2004, vol. 2, p. 402).

A crônica era o seu canal de comunicação direta com os leitores. Os jornais, aqueles que lhe deram mais espaço como o *A.B.C.* e a revista *Careta*, eram o palco privilegiado para divulgar não só sua mágoa pessoal contra os “donos do poder”, mas também como observatório para acompanhar o que ocorria nas ruas centrais e suburbanas cariocas. Pela imprensa, sua literatura de enfrentamento social, de contestação ao sistema intelectual dominante, de denúncia das arbitrariedades cometidas contra negros, mulheres e carentes poderia ser mais facilmente ouvida.

O que o intelectual militante busca com o objeto artístico, criado linguisticamente, é, em

primeira instância, que o receptor descubra sua própria identidade, ou melhor, seu nível de consciência sobre o meio social. Para reformar a sociedade é necessário reformar o leitor, a fim de que tome consciência de si e do mundo, e passe, graças ao efeito da obra, da condição de ajustado na sociedade alienante à de oponente a ela (FANTINATI, 1978, p. 5).

Entretanto, outros detentores do poder na cidade das letras serão não só alvo da crítica direta de Lima Barreto como também objeto e motivo constantes de suas mágoas pessoais.

Como já comentado, se a Monarquia não era a forma de governo ideal na opinião de Lima Barreto, a República era muito menos. Crítico incansável do sistema forçadamente implantado e inimigo declarado da imprensa comercial, Lima nunca aderiu às tais forças de cooptação. Tampouco, a Academia Brasileira de Letras, claramente a instância de dominação e consagração por excelência no período, abriu-lhe as portas. Contudo, se Lima nutria aversão, mágoa, repúdio ou mesmo um desejo secreto de fazer parte desses empreendimentos intelectuais coletivos que lhe foram negados, uma figura pública personificaria todas essas instituições que lhe mostravam quão inadaptado à cidade das letras o mulato era: o poeta e romancista Coelho Neto.

O termo cunhado ironicamente por Lima Barreto para designar tudo quanto era retrógrado, passadista, intransigente e antiquado na sociedade e principalmente nas letras nacionais – “Coelhonismo” – passou a percorrer constantemente suas produções jornalísticas. Na tentativa de criticar pessoalmente a figura pública de

Coelho Neto – representante perfeito da cultura predominante da época, da burocracia intelectual e porta-voz do ideário dominante da ditadura das “belas letras”, da erudição e da “arte pela arte” – mas também, como uma forma de, através da imagem destacada do autor, censurar todas as instituições que lhe privaram o direito de ser aceito entre seus pares, Lima usou Coelho Neto e todo o seu formalismo literário como instrumento crítico:

Sem visão da nossa vida, sem simpatia por ela, sem vigor de estudos, sem um critério filosófico ou social seguro, o Senhor Neto transformou toda a arte de escrever em pura *chinoiserie* de estilo e fraseado.

Ninguém lhe peça um pensamento, um julgamento sobre a nossa vida urbana ou rural; ninguém lhe peça um entendimento perfeito de qualquer dos tipos da nossa população: isso, ele não sabe dar.

Coelho Neto fossilizou-se na bodega do que ele chama estilo, música do período, imagens peregrinas e outras coisas que são o cortejo da arte de escrever, que são os seus meios de comunicação, de sedução, mas não são o fim próprio da literatura.

Para um escritor que como Lima Barreto defendia intransigentemente a função transformadora da literatura, Coelho Neto – e indiretamente seus pares – representava tudo o que era falso e raso na arte literária: a superficialidade de conteúdo em prol das “belas letras”. Através das constantes críticas à Coelho Neto, Lima alcançava toda a literatura enclausurada na “torre de marfim”.

O Senhor Neto quer fazer constar ao público brasileiro que literatura é escrever bonito, fazer brindes de sobremesa, para satisfação dos ricos.

Ele não quer que o público brasileiro veja no movimento literário uma atividade tão forte que possa exigir o desprendimento total da pessoa humana que a ele se dedique.

[...]

A missão da literatura é fazer comunicar umas almas as outras, é dar-lhes um mais perfeito entendimento entre elas, é ligá-las mais fortemente, reforçando desse modo a solidariedade humana, tornando os homens mais capazes para a conquista do planeta e se entenderem melhor, no único intuito de sua felicidade (BARRETO, 2004, vol. 1, p. 318).

Além da intenção de julgar o posicionamento intelectual e literário de Coelho Neto e conseqüentemente de todos os que lhe eram solidários, esta crônica, de 1918, serve como claro manifesto da opinião engajada de Lima Barreto: a literatura como ferramenta de persuasão e de, principalmente, transformação da sociedade; mas também nos serve como evidente profissão de fé e manifestação de amor à literatura declarada pelo escritor.

Três.

Lima Barreto atribui à arte o status de instrumento de militância. Nas palavras do próprio autor:

... a arte tem como destino revelar uma alma

às outras, restabelecer entre elas uma ligação necessária ao mútuo entendimento dos homens (BARRETO, 1956d, p. 72).

No volume *Impressões de leitura* – espécie de manual literário barretiano – através dos textos “O destino da Literatura” e “Literatura Militante”, um inventário crítico é proposto por Lima, no qual o escritor elenca, com paixão, os propósitos da verdadeira literatura: a arte como fenômeno social que não se resume ao simples encanto plástico.

Nestes escritos críticos de Lima Barreto, observamos perfeitamente seu ideário social de se fazer da arte – principalmente da literatura – não somente um veículo de exteriorização do belo, mas, fundamentalmente, forma de se externar um pensamento de interesse humano.

Pelos seus romances e, sobretudo, pelas crônicas publicadas principalmente entre 1920 e 1922 – período mais intenso de sua produção – notamos perfeitamente este sentido de missão dado por Lima à escrita. Para tanto, principalmente a literatura não ficcional limiana, arma poderosa contra os detentores do poder à época, tenta reafirmar a função social da literatura de transformar, pela escrita, o homem e a sociedade.

Lima Barreto, artista militante contra sistema opressor intelectual do momento, observador atento e coerente da realidade – por meio da linguagem simples, porém cáustica muito própria de sua produção literária e jornalística – foge da mesmice prolixa e verborrágica visitada pelos escritores das “belas letras” do período. Em crônica publicada em *O Debate*, Lima mais uma vez questiona o papel público do literato-jornalista que, muitas vezes

apenas por fama, opina em assunto que não lhe cabe:

O mais curioso, neste nosso jornalismo moderno, é que, como muitas de todas as outras coisas da nossa atividade mental, sejam chamados a falar de certos assuntos homens que não tiveram a educação e a instrução para isto, mas que, simplesmente com uma instrução de meros guarda-livros e auxílio do dinheiro de argentários, se arrogam o direito de falar sobre questões sociais e políticas (BARRETO, 2004, vol. 1, p. 281).

Por críticas indiretas, mas certeiras como esta representada pela crônica acima e, conseqüentemente, banido dos principais esquemas de articulação de poder – representados principalmente pela elite literária e pela grande imprensa –, o autor mantém-se livre das amarras opressoras das instâncias consagradas do poder e conseqüentemente, à vontade para interpretar e traduzir, por meio de seus textos, as questões literárias e sociais brasileiras que o frustravam.

Se, por um lado, os grandes periódicos o exilaram pela sua irônica e direta crítica ao poder, por outro, a postura outsider possibilitou-lhe a liberdade de expressão pouco notada em outro autor contemporâneo. E, a partir do momento em que se aposenta do serviço público em 1918, as últimas amarras que o prendiam são desfeitas. Ao não ter mais vínculo com o funcionalismo, Lima aceita inteiramente a arte participante, não plástica e tão pouco contemplativa. Os anos entre 1920 e 1922 representam o momento de aposentadoria e liberdade, e também período

mais fértil e ferino de sua escrita.

Já que a Lima não coube participar do discurso legitimador da literatura oficial à sua época, coube-lhe tarefa um tanto mais árdua: a arte da denúncia e da crítica ao *status quo* vigente. Nas palavras de Jean-Paul Sartre, a função do escritor é “fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele” (1989, p. 21), e Lima Barreto, intelectual questionador, oprimido e estigmatizado por uma biografia que sempre o influenciaria, antecipou, pelas suas crônicas, o pensamento crítico e engajado que seria proposto durante o século XX.

Entretanto, a postura engajada de Lima trouxe-lhe dificuldades muito perceptíveis. A crítica literária oficial agiu duramente sobre a obra barretiana, não lhe poupando certo ostracismo e esquecimento tampouco estereótipos marcantes.

Em vida, as produções barretianas receberam poucos aplausos. Se as *Recordações do escrivão Isaías Caminha* mereceu a “crítica do silêncio” pelos jornais e críticos do início do século XX, não muito diferente se manteve o julgamento estético de sua obra durante o resto de sua carreira literária. A cultura dominante – ou seja, a crítica oficial – oscilou entre os estereótipos do “mulato inconstante e desleixado” a total indiferença frente à publicação das grandes obras de Lima Barreto, como o caso de *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

No entanto, com a revolução estética ocasionada pela Semana de Arte Moderna em 1922, a visão sobre o conjunto da obra barretiana é, de certo modo, reavaliada. Considerado “inovador”, “modernista” e “revolucionário” pelo grupo paulista, Lima surge agora como a personificação da genialidade e da novidade

estética literária. Se Lima Barreto falece no ano marco do movimento modernista e, como é sabido, os ecos do modernismo pouco influenciaram a cultura carioca, podemos afirmar que, na realidade, Lima Barreto já era precursor da estética “modernista” muito antes mesmo que os jovens escritores liderados por Mário de Andrade assim o percebessem.

Nos dias atuais, podemos perceber certo resgate da obra de Lima, apesar da maioria dos estudos universitários e críticos ainda oscilarem entre a imagem de um Lima Barreto inconstante, ferino e, sobretudo, genial.² Contudo, se o reconhecimento do brilhantismo da prosa de Lima Barreto deu-se através da crítica *post-mortem*, consolidada, por exemplo, por meio da publicação de suas *Obras Completas* em 1956; a percepção mesmo que tardia de sua genialidade e o título de antecipador de inovações literárias ajuda Lima Barreto a emergir do entre-lugar a que muitas vezes é deixado pela crítica e manuais literários: o chamado pré-modernismo.

Assim, suas crônicas, publicadas muitas vezes em pequenos periódicos de vida breve, ajudaram duplamente a vida e obra de Lima Barreto:

Nas crônicas de Lima Barreto temos o registro da “história dos vencidos”, para usar a expressão de Walter Benjamin, história construída não por vozes oficiais, nem tampouco pelos tradicionais intermediários que buscaram falar,

² A propósito da evolução da crítica oficial sobre o conjunto da obra de Lima Barreto: MARTHA, Alice Áurea Penteado. *E o boêmio, quem diria, acabou na Academia...* Lima Barreto: inventário crítico. Tese de Doutorado em Letras. Assis: FCL da UNESP, 1995.

por tanto tempo, por aqueles que não tinham voz própria. São a voz de alguém à margem, de um membro da marginália, fora [...] centro hegemônico das decisões políticas... (RESENDE, p. 2004, p. 11).

Se por um lado, a publicação das produções jornalísticas o mantinha em voga em uma literatura preconceituosa, estetizante e falseadora da realidade nacional, as crônicas também lhe serviam como palco para se fazer ouvir em uma sociedade tradicional, excludente e que, abertamente, queria manter o mulato alcoólatra, alucinado e, sobretudo, brilhante, fora do eixo do poder.

Referências

BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. Notas de revisão de Beatriz Resende. 8 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002

BARRETO, Lima. *Diário Íntimo* (a). São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Impressões de Leitura* (d): crítica. São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (c). São Paulo: Brasiliense, 1956.

BARRETO, Lima. *Toda Crônica*. Apresentação e notas Beatriz Resende. Organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

BARRETO, Lima. *Vida Urbana* (b). São Paulo: Brasiliense, 1956.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no reino de Jambom: as classes sociais na obra de Lima Barreto*. São Paulo: Cortez, 1981.

FANTINATI, Carlos Erivany. *O profeta e o escrivão: estudo sobre Lima Barreto*. Assis: ILPHA – HUCITEC, 1978.

FIGUEIREDO, Carmem Lúcia Negreiros de. *Lima Barreto e o fim do sonho republicano*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. *E o boêmio, quem diria, acabou*

na Academia... Lima Barreto: inventário crítico. Tese de Doutorado em Letras. Assis: FCL da UNESP, 1995.

MICELI, Sérgio. *Poder, sexo e letras na República Velha* (estudo clínico dos anatinos). São Paulo: Perspectiva, 1977.

RESENDE, Beatriz. Sonhos e mágoas de um povo. In: BARRETO, Lima. *Toda Crônica*. Apresentação e notas Beatriz Resende. Organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

RESENDE, Beatriz. Profissão: Jornalista. In: BARRETO, Lima. *Toda Crônica*. Apresentação e notas Beatriz Resende. Organização Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é Literatura?* São Paulo: Ática, 1989.

Artigo recebido em 10/02/2011 e aprovado em 08/03/2011.

